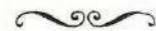


Segue fazendo o bem por onde fores,
Esquecendo nos trilhos redentores
11 Charcos e penas, sombras e penares...

Porque, um dia, ante o tempo que te espreita,
Receberás os frutos da colheita,
Na espécie de semente que plantares.



João Ferreira LEITE JÚNIOR *



VERSOS

A

MEU CORPO

Tombaste, enfim, cansado, vaso amigo.

2 Já não posso dizer-te: "luta e ama!"
Companheiro sereno de meu drama,
Não sofreste no mundo, em vão, comigo.

Lâmpada que guardaste a etérea chama
Das dores que vivi... Roupa e jazigo...

7 Unindo as nossas lágrimas, prossigo
Ante o porvir que a morte me reclama.

passou a residir desde Junho de 1912, foi coletor estadual e presidente do Conselho Municipal. Criou o primeiro Grupo Escolar da cidade, e contribuiu para a fundação da Escola Normal. Nestas instituições exerceu o magistério. Muito lutou pela emancipação política de Anápolis. Era deputado estadual quando desencarnou (Piracanjuba, antiga Pouso Alto, Estado de Goiás, 28 de Setembro de 1880 — Anápolis, Estado de Goiás, 4 de Janeiro de 1928.)

BIBLIOGRAFIA: *Lírios do Vale*. Deixou um livro inédito: *Poemas da Saudade*.

1. Leia-se *vi-a-jan-te*, com diérese.

4-11. Observem-se os exemplos de enumeração. — Enumeração: "Recurso estilístico, denominado *enumeração caótica* por Leo Spitzer, e consistente em uma apresentação, quase catalogal, de ideias ou elementos que se sucedem com um máximo de rapidez e fluência, sem prejuízo da qualidade do texto..." (Geir Campos, *Op. cit.*)

(*) Poeta e jornalista, usou vários pseudônimos. Funcionário da Fazenda, serviu na Delegacia Fiscal de Curitiba e do Rio de Janeiro. Nesta última cidade, um incêndio destruiu-lhe manuscritos de vários volumes de versos inéditos (A. Muricy, *Pan. Mov. Simb. Bras.*, II, página 206). Foi sócio fundador do Centro de Letras do Paraná. «Colaborou nas revistas simbolistas de seu Estado,» — diz Fernando Góes (*Pan. IV*,

Parto agora, buscando novo ninho...
Não te deixo, porém, triste ou sózinho,
Nas surpresas que o túmulo descerra...

Mesmo atirado à sombra que se espalma,
Terás contigo os sonhos de minhalma,
Nas flores que te cobrem sobre a terra.

Manuel da SILVA LOBATO *



ÚLTIMO
INSTANTE



Tudo parece agora o termo do caminho...
O velho carrilhão bate as horas na sala:
E' a palavra do tempo ao coração que estala,
4 Afirmado, cruel, que partirei sózinho.

Lá fora, ruge o vento ululante e escarninho.
Fito, além da janela, o céu de cinza e opala...
7 "Adeus! Adeus! Adeus!..." — geme o peito sem fala,
Algemado à aflição de estranho pelourinho.

pág. 219) — «e de uma delas, O Sapo, foi fundador.» (Curitiba, Paraná,
3 de Março de 1876 — Curitiba, 28 de Setembro de 1930.)

BIBLIOGRAFIA: *Ritual*; numerosas poesias dispersas.

2. Ler *luta e ama* com hiato.

7. Observe-se a expressividade desse "enjambement".

(*) Poeta notável. Um dos fundadores da revista *Heliópolis*, em sua cidade natal. Jornalista, desempenhou as funções de redator do *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro. Viveu uma existência atribulada, mas com resignação, caracterizando-se pela sua simplicidade e bondade. Informa Mariano Lemos (*Poetas...*, pág. 329) que Silva Lobato foi membro da Academia Pernambucana de Letras, tendo ocupado a cadeira